



TUMULO DE BARTHOLOMEU JOHANES.

Na sé metropolitana lisbonense, ao entrar da porta principal, ha uma capella antes de chegar á porta travessa do norte, fechada com seu cancello; e dentro, tambem do lado esquerdo, está mettido n'um vão de arco o tumulo cuja face apparente se mostra na gravura que precede. Em volta da campa tem aberta uma inscripção; e do que se póde decifrar na parte manifesta infere-se que diz o seguinte: — Bartholomeu Johanês cidadão que foi de Lisboa a quem Deus perdoe passou trinta dias de novembro (ou dezembro?). — Alguns caracteres acham-se indistinctos. A estatua jacente está de roupas talaes com uma espada larga, ou montante, sobre si: os tres escudos insculpidos no cofre tem por armas flôres de liz francezas, divididas por uma lista lançada obliquamente, ou banda. — Severim de Faria, no Disc. 3.º das Not. de Portug., mencionando familias que nos escudos traziam as flôres de liz, aponta algumas razões, e em dois exemplos que traz, das casas de Farias e Mirandas, marca a origem franceza. — Veem-se no tumulo que copiámos. Um documento que vamos citar prova que quem para si o fez erigir tinha bens em Flandres e França. Sem indagar-mos o seu gráu de nobreza derivada d'este ultimo reino, basta que pela razão de uns as adoptarem as podessem escolher outros. E não temos visto tantas caruagens que, pela concorrência de appellidos encontrados, nos appresentaram por ahí brazões mestiços!

A esculptura do tumulo, parecida, por exemplo, á dos que existem em Odivellas, indicava antiguidade remota, e parecia anterior á epocha de D. João I pela circumstancia dos cabellos crescidos da cabeça e

barbas, que se observam na estatua deitada; porque é sabido que no tempo de João vencedor de João de Castella usaram os nossos cabello tosquiado, para se differencarem dos castelhanos, d'onde veio o chamarem-nos *chamorros* os adversarios; e n'esta conformidade e bom uso nacional apparecem nos monumentos d'então as effigies, como no tumulo do sabedor João das Regras, muito bem *trosquiadas*.

No real archivo, dicto a Torre do Tombo, arca sancta, onde se tem salvado incolumes preciosos documentos no meio de naufragios, existem na chancellaria de D. Diniz dois aforamentos (a f. 76 etc. do L.º 2.º, ef. 51 v. do L.º 4.º) em que apparece o nome de Bartholomeu Johanês; mas não é isto motivo bastante para se dizer que fossem feitos a uma ou a duas diversas pessoas, e que alguma d'ellas fosse a de que se tracta. — Não ha porém duvida de que d'esse tempo é o jazigo acima estampado, e que pertence a individuo d'aquelle nome, o qual devia ter sido homem de muita riqueza e de valia, como póde ajuizar-se pelas suas disposições testamentarias, de que sómente mencionaremos as notaveis; pelas cautelas que n'algumas se observam é impossivel que não fosse commerciante, pelo menos em seus principios, conhecedor, como parece, das traficancias do mundo, que já então se practicavam como é provavel que se farão até á consummação dos seculos. Talvez pertenceu a alguma corporação como, por exemplo, o gremio dos mercadores; porquanto no seu testamento falla muitas vezes em companheiros, e lhes concede enterrarem-se na capella que funda. — Este documento, datado de 28 de novembro de 1324 (1362), é lavra-

do pelo tabellião Domingos Martins, na cidade de Lisboa, nas casas que chamam da Torre da Estevaynha, nas quaes morava o honrado barão (varão) *Bartholomeu Johanes, cidadão de Lisboa, . . . o qual jazia em sua cama com todo o seu sizo etc.* Declara-se que para remimento de seus peccados este funda uma capella e hospital.

Ao diante se lê a seguinte disposição: — Mando deitar e soterrar o meu corpo na igreja cathedral de Lisboa na capella que eu abí mando fazer no lugar que me abí o cabido assignou á qual igreja deixo com o meu corpo dozentas livras. Os legados principaes são: A igreja de S. Mamede de Lisboa 150 livras. Para resgate de captivos 2000 livras. 1000 livras para vestir pobres que não vendessem os vestidos. Para casar orphãs donzellas, que sejam de boa nomeada e boa vida, e taes que mereçam casamento, 1500 livras. 150 livras para fazer uma ponte no rio de Pontevél que é no caminho publico que vai para Santarem entre Aveyras e o Cartaxo: e n'esta disposição ha uma phrase que denota profissão mercantil do doador — *ali eu soyi dar a venda.* — 300 livras para a obra do mosteiro da Trindade de Lisboa com a condição dos frades não receberem senão em pedra e cal. 10 livras para criar um engeitado no hospital dos meninos; as quaes mando que os meus testamenteiros paguem a uma ama, de guiza que o comendador do dito logo não seja teúdo de as receber. Para os gafos (leprosos) de Lisboa 10 livras, com as mesmas precauções. A todas as emparedadas da villa da Azambuja 30 livras.

Funda um hospital para doze pobres. Institue a capella para jazigo na sé; determina que seja da invocação de S. Bartholomeu, em que cantem cada dia para sempre 16 capellães; a saber, doze cappellães por minha alma, e os dois dos outros cappellães cantem por meu senhor elrei D. Diniz, e os outros pela rainha D. Isabel sua mulher (não podia adivinhar que seria canonisada) e outro pelo infante D. Affonso seu filho e pelos filhos d'esse infante: e ajuncta que sob tal condição que o senhor rei em sua vida, e depois o senhor infante na sua, e assim por diante os seus filhos e netos lidimos alem e façam alçar força de qualquer pessoa ou pessoas que queiram usurpar a capella que institue, ou os bens d'ella ou do hospital que tambem funda.

Dotou a capella com bens que subissem a vinte vezes mil liras; e mandou que se não lhe dessem lugar na sé fosse feita na freguezia de S. Mamede. Para capellães manda preferir portuguezes.

Nomeia testamenteiros Gonçalo Domingues, sacador das dividas de nosso senhor elrei meu compadre, e Pero Esteves, sobrinho de João Dias, reposteiro d'elrei, exprimindo-se d'esta fórma «e os metto de posse de todos os meus bens moveis e de raiz, em qualquer especie, maneira e cousa que possa ser, achados tambem em Portugal como em França e em Flandres.» E adiante diz: «E peço por mercê a meu senhor elrei, que sempre manteve a mim e os meus bens, e me defendeu em minha vida sua mercê, por algum serviço (se lh'o eu fiz) depois do meu passamento defenda os meus testamenteiros.»

Uma copia d'este tumulo, desenho em contorno leito á penna, com as de outros dois igualmente existentes na sé, foi appresentada na exposição da Academia das Bellas-Artes em 1810. E bem merecia commemoração esta antigualha, que os escriptores deixaram no esquecimento, quando, pela epocha a que pertence, como specimen archeologico de monumentos d'esta especie, merecia particular attenção.

O HADJEB DE KORDOVA.

(972 a 992)

(Continuado de pag. 33.)

### III.

*Gelohira.*

A TEMPESTADE rugia em toda a sua força. Viera totalmente a escuridão e a noite. A unica luz, que alumiava esta scena, era a de um alamo gigante a arder d'alto a baixo, incendiado pelo raio. Este facto tremendo fulgia lugubrememente no meio da selva, como a tocha funeraria d'aquelle templo immenso, cujas naves e columnas eram os renques profundos dos cedros e carvalhos.

A estranha apparição da virgem fez recuar os guerreiros. O circulo retrahiu-se e alargou-se. Hermengardo, firmado sobre o punho, voltou-se para contemplar a sua noiva, e cravou os olhos n'ella com uma ancia que apenas póde comprehender-se. Gelohira, por unica resposta, fitou os seus nos do mostarabe com desesperada resolução. O que ambos se disseram n'aquelle longo e profundo olhar souberam-n'o só elles e Deus. Devia de ser horrendo, porém: de certo que o mancebo leu alli a certeza das suas horrosas suspeitas, porque, erguendo-se de repente em pé, por um esforço que já nada tinha de humano, alçando-se firme — elle que havia momentos mal podia arquejar estendido — com o peito aberto a gotejar sangue vivo, exclamou brandindo furioso com uma das mãos a sua larga espada, e com a outra apontando para a virgem, prostrada ainda a seus pés.

— Vêdes esta, irmãos? era vossa irmã tambem; era a immaculada recompensa que Deus me tinha destinado; era o anjo vestido de pureza a quem eu tinha erguido aras no coração; era a companheira que havia de cingir-me as armas á partida, e á volta limpar-me o pó e o suor da fronte; minha consolação e meu auxilio, meu desvelo e meu enlevo; era, era esta meus irmãos. E sabeis hoje o que é? quereis saber em que m'a tornaram? N'um opprobrio, n'uma vergonha, n'uma infamia, n'uma affronta! Tocaram-lhe, os impios! mancharam-n'a, os vis! . . . »

Gelohira caíu com a face melindrosa no chão alagado e limoso, diante do guerreiro: Hermengardo viu-a n'aquella postura e continuou:

— «Quebraram-me tudo n'alma, elles! O amor com que eu contava, a ventura que esperava, a gloria a que aspirava, tudo! Essa fronte, essas faces, esses labios que eu receiava macular com o só meu halito, nem ousarei beija-los sequer; estão polluidos! Não posso nunca mais chegar-me a ella; e ella era o meu culto: adorava-a! Vede-a, meus irmãos. Mataram-na; mataram-me! Que me resta pois no mundo?»

— «A vingança!»

Bradou o ancião, surgindo tambem de pé ao lado do mancebo, transportado como elle, temeroso e furibundo como elle.

Parecia, um, o archanjo exterminador; assemelhava-se o outro ao apóstolo das destruições.

— «Vingança!»

Exclamaram tambem os guerreiros mostarabes, apertando de novo o circulo.

Gelohira soluçava contra a terra!

— «Sim, meus irmãos, vingança! — proseguiu Hermengardo. — Vinguemo-nos, vingai-me! . . . Quereis vós fazer-me um juramento?»

— «Queremos — bradaram a um tempo os seus companheiros — queremo-lo nós todos!»

— «Jurai pois — continuou elle — de vigiar, de seguir incessantemente o hadjeb Mohamed, a cada hora, a cada passo, no meio dos seus guardas, dos seus alcaçares, das suas phalanges, dos seus exercitos, até ficar remida a injuria d'esta, a minha injuria, a injuria de nós todos, irmãos! Eu serei o primeiro, eu darei o exemplo de força e de constancia, eu o espiaerei de noite e de dia, eu lhe trarei o punhal continuamente suspenso no coração. É o meu lugar; não quero que ningem m'o usurpe. Mas se eu cair antes de vingado, se o poderoso esmagar o pequeno, jurai-me, jurai-me todos que me substituirá outro de entre vós, igualmente implacavel, igualmente vigilante na obra da vingança, e outro apoz elle, e outro depois d'esse, e outro, e outro em fim, sem parar, sem se repousar em quanto esse homem, esse flagello, esse hadjeb não tiver expirado aos seus golpes, e não só elle, mas os seus sectarios maldictos, os que lhe dão tamanho poder, os que o ajudam a erguer o edificio das suas prosperidades. Se uma geração não bastar para derribar o colosso das Hespanhas, jurai-me que legareis a vossos filhos esta missão, que a propagareis por toda a parte, que a contareis a quanto n'estas terras tiver um nome godo. É difficil e perigoso, é tremendo o que vós peço; aquelle homem guarda-o Deus como um signal da sua ira; ha de cair muito d'entre nós; mas o dia ha de raiar a final; a cholera do céu não dura sempre! Jurais-me pois de o cumprir como digo, sem fraquejar uma vez, sem descansar um momento?»

— «Juramos, juramos!»

Clamaram em redor os guerreiros, tremendo de indignação, de impaciencia, e de enthusiasmo.

— «Jurai-m'o por vossas mães, por vossas filhas e esposas!»

— «Juramos!»

— «Jurai-m'o pelo sangue de vossos irmãos derramado; pela honra de vossas familias maculada.»

— «Juramos, juramos!»

— «Jurai-m'o pela memoria dos avós que dormem o seu ultimo somno nos leitos de pedra profanados pelo pé dos impios; jurai-m'o pelo nome dos antepassados que erguem um canto dos seus sudarios de marmore para no-lo virem troar aos ouvidos, no meio d'esta vergonha.

— «Juramos, juramos!»

— «Jurai-m'o finalmente por esta...»

— «Jurai-o por este sangue!»

Interrompeu a virgem de Amaya, alçando o rosto formosissimo, todo maculado, todo lastimado, todo golpeado dos tojos e abrolhos, e erguendo sobre o peito o ferro que empunhava. A Lucrecia goda queria sanctificar o juramento dos seus irmãos e vingadores, á semelhança da matrona romana.

Hermengardo viu-lhe o gesto e não se moveu. A dôr, a desesperação e a vergonha tinham-n'o tornado feroz.

Foi o ancião que lhe desviou o golpe. A velhice sabe muitas vezes entender melhor as fraquezas, e avaliar a innocencia.

Era um espectaculo horrendo aquelle. O bosque a dobrar-se inteiro até a terra, a curvar-se humilde para deixar passar a tormenta, todo cheio de fremitos pungentes, de gemidos dolorosos, e de silvos agudos — todo cortado de brados de agonia, de uivos e rugidos — e alli, no centro, aquelles rostos tostados, aquelles olhos scentelhantes e furibandos; aquelle velho augusto, como presidindo á saturnal da vingança; aquelle homem com o peito aberto, a todavia sobranceiro e de pé; e finalmente aquella mulher ajoelhada no meio de todos, ajoelhada no chão lodoso, brancos os vestidos como o rosto, todo man-

chado o rosto como os vestidos, os cabellos soltos ao vento da tempestade, o olhar desvairado, meigo e selvatico a um tempo, energico e supplicante, fluctuante entre o céu e a terra, curvo para esta pela vergonha, atrahido para aquelle pela consciencia... era horrendo e sublime!

Os homens d'hoje não comprehendem de certo a energia primitiva das paixões virgens. A civilisação nivelou tudo; incommodavam-n'a estas ingenuas asperezas; afeiavam-n'a estas escabrosidades naturaes: passou-lhe por cima a plaina omnipotente, e deixou tudo liso... á superficie! Lá por dentro... Deus sabe o que vai lá por dentro! No nosso estado actual, estas scenas, tão fóra do commum, segundo por ahí dizem — do nosso commum, direi eu — hão de parecer effectivamente um desvario d'imaginação escaudada. Deixa-lo. Quem está costumado ao piso igual, commodamente fastidioso e nauseabundo das nossas modernas banquetas d'asphalto, por força que estranha as fragosidades picturescas d'um trilho alpestre e inculto. É natural.

Que importa lá?

Se o mundo tivesse sido sempre como agora!

Um toldo de nuvens cõr de chumbo, franjadas de horrendos clarões, cobria a atmospheria d'um céu mortuario. O raio estalava em roda. Era uma tempestade na natureza, semelhante á que sacudia aquelles corações.

A arvore inflammada, ardendo a poucos passos, projectava em cheio na branca figura de Gelohira os seus reflexos vermelhos. Poder-se-hia dizer que a cobria uma purpura transparente, ou que a cingia uma sanguinea mortalha. A sua attitude era ao mesmo tempo resignada e altiva. A desesperação contrahia-lhe os labios esbranquiçados, como se lh'os houvera tornado de marmore algum impuro contacto; mas a eliamma d'um sancto e fervoroso enthusiasmo accendia-lhe um resplendor na fronte: ainda era bella assim; era talvez mais bella do que nunca!

Os guerreiros abaixaram os olhos para a nobre filha das montanhas, primeiramente para lhe admirarem talvez a attitude de inspirada; depois para... O ancião voltou a cabeça limpando uma lagrima silenciosa: mais de um rosto fero e indomavel o imitou envergonhado.

Só Hermengardo não chorou. Olhou muito tempo fito, fito para Gelohira, sem dizerem palavra um nem outro. O que pensava lá consigo não n'o soube ninguem. A final, sem dar o minimo signal de commiserção ou dó, estendeu a mão á infeliz com um gesto soberano.

Gelohira retirou a sua.

Olharam-se de novo e em novo silencio.

— «Tens razão! — disse o mostarabe em voz baixa, depois continuou em voz alta: — Levanta-te d'ahi, mulher...»

E tomando a sua espada pela ponta offereceu-lha pelas cruces para ella se amparar e levantar-se.

Gelohira ergueu-se e appresentou-lhe tambem calada o seu punhal. O guerreiro repelliu-o vivamente, e proseguiu:

— «Mulher, tu não tens culpa! Recaia a vergonha e a infamia na cabeça dos criminosos. Olhai bem para ella, meus irmãos; olhai, meu pai... Era a minha noiva: ha de ser minha mulher!...»

Estas palavras feriram como o raio os circumstantes. Ninguem as esperava. O ancião curvou a cabeça; Gelohira cravou resolutamente os olhos no céu, que o raio abria a cada instante; um murmurio de approvação percorreu o circulo dos guerreiros. Achavam todos sublime o que fazia aquelle homem!

Pois o regio modo com que elle dizia aquillo!

— «Ha de, ha de sê-lo — continuou elle, lançando os olhos em redor — aqui o juro tambem. Ha de sê-lo... se eu viver... quando já não existir um homem que me possa dizer — «essa, antes de ser tua, foi...»

Não poude acabar. Suffocou-se, tremeu, vacillou...

— «Gelohira — accrescentou o triste n'um penoso esforço — esta mão... ha de tocar a tua... sobre o cadaver do hadjeb!»

O sangue não lhe gotejava sómente; corria-lhe já em fio das feridas rasgadas de novo. Era o mais que podia fazer um homem.

Caíu.

Ninguem disse palavra. Assentaram-se todos em roda para soccorre-lo. Gelohira e o ancião estavam a seu lado. Orava cada qual lá no seu interior!

N'isto apagou-se o tronco incendiado. Tinha arido até á raiz. O silencio e as trevas ficaram profundas.

Gelohira rasgou os véus que lhe cobriam o seio, para unir e conchegar as feridas do mancebo. Que lhe importava a ella que a alagassem as torrentes do céu, ou que a chagassem as urzes dos caminhos?

Os rumores temerosos da tempestade continuavam.

Ao pé ouvia-se unicamente, por entre aquelles sons medonhos, o resfolegar oppresso do ferido; ao longe sentia-se um tropear pressuroso de ginetes.

Eram os cavalleiros do hadjeb, que perseguiram os fugitivos!

(Continúa.)

#### UMA RAÇA D'HOMENS.

ENTRE as principaes variedades do genero humano, sempre se notou como assaz distincta, por caracteres especiaes, a raça negra; porém esta mesma é dividida pelos modernos observadores em duas castas diferentes, cada uma de typo tambem especial. Chamam raça propriamente negra aos ethiopes e aos cafres; os primeiros habitam o paiz dos jalofos, o Senegal, Serra Leoa, é finalmente toda a costa oriental da mesma região, desde o rio do Espirito Sancto até o estreito de Bab-el-Mandel, e distinguem-se dos outros por maior habilidade, e caracter mais activo e bellicoso, posto que traíçoeiro. — Denomina-se raça morena ou fusca tanto a dos hottentotes como a dos papuas, posto que uma seja continental e outra insular, em regiões diversas. Os hottentotes habitam o territorio circumvisinho ao cabo da Boa Esperança, e os outros povoam na Oceania a Nova Hollanda e a Nova Guiné (1), assim appellidada pela pretidão dos naturaes. Conservam porém entre si a maior parecença, salvas algumas differenças de indole, porque os hottentotes são em geral brandos e pacíficos, ainda que proverbialmente aborrecidos por fealdade e desaceio. Ambos os povos constituem a raça acima dicta, que differe dos negros ethiopes e cafres por ter uma especie de focinho, porque nem é proprio chamar-lhe tromba nem cara; e esse ainda mais prolongado que o d'estoutros, rosto quasi triangular que remata em ponta, o angulo facial de 75 graus pouco mais ou menos, pelle de cor tirante a parda-escura, nariz totalmente esborrachado e muito largo, beijos mais grossos que os dos negros legitimos, cabelos que semelham novellos de lã, as faces muito salientes, e a testa de tal modo achatada que apenas se descobre. Todos são de indole summamente estúpida, quasi incapaz de concepção; comtudo os papuas

são mais esertos e dextros, iguaes porém na preguiça e em medo, pelejando, não obstante isso, com encarniçamento se uma vez se deliberam. Ninguem os iguala em simplicidade de espirito; teem de seu natural bom coração; deixam-se opprimir por brandura de caracter; porém não se póde fazer d'elles bons escravos, pois preferem a morte a todo o trabalho custoso e aturado. Tão apathicos são para todos os cuidados da vida domestica quanto dados a todos os appetites sensuaes, como a dança, a gula, a embriaguez. Parece que são inteiramente corpo, apenas teem alguma leve noção do ente Supremo; não podem chegar a conceber idéa alguma de que se lhes não appresente aosentidos o objecto: enfim passam vida totalmente animal. Parece que esta raça se encontra tão sómente no hemispherio austral, compondo as duas especies ou familias principaes que temos indicado. — O tronco ou linha hottentote estende-se por toda a extremidade do sul d'África desde o Cabo Negro até o de Boa Esperança, e d'ahi quasi até o Monomotapa. Ha uma tribu mui bravia e boçal, que os colonos do Cabo chamam dos *boshmans*, e que moram em cavernas e mattas; fazendo correrias d'improviso, vivem de rapina, e de raizes agrestes, andam nus, e são tão ariscos como os animaes do sertão. Os outros hottentotes vivem tambem sem leis nem regra fixa; porém como são mansos e socegados não fazem mal; e nos arredores do Cabo tem-se de algum modo sujeitado algumas familias a um pequeno grau de civilisação. É um povo excessivamente feio, e para que se aprecie isto devidamente, damos um specimen do que elles reputam formosura feminil, com todos os atavios e arrebiques que usam para adornar a cabeça.



Representa uma rapariga de vinte annos: tem um rolete de marfim atravessado na cartilagem do nariz, duas argolas de cobre pendentas das orelhas, e presa á carapinha a um lado, como ao desdem, uma roseta de plumas misturadas com pontas de porco-espinho. Accrescente-se a isto uma capa sordida, uma tanga ou avental guarnecido profusamente de contas e ave-

(1) Foi descoberta por D. Jorge de Menezes, indo para as ilhas de Moluco, segundo narra Diogo do Couto na Decada 4.<sup>a</sup>

lorios, e o restante do corpo nú, besuntado de cebo de carneiro de mistura com ferrugem, nos braços e pernas manilhas de metal; e ter-se-ha idéa completa da gentileza hottentote.

Comem os bandulhos dos animaes sem os lavarem, deitam o leite em odres de pelles immundas; nenhuma porcaria os enoja; são a quinta essencia dos selvagens brutos e çujos. A sua maior delicia é estirarem-se indolentemente pela areia de cachimbo na bocca, porque o fumar é a sua maior paixão; quem lhe dá tabaco, tem d'elles esse pouco que podem ou sabem fazer. A sua linguagem é uma especie de cacarejo de voz que em nenhum idioma se póde exprimir; toda a sua religião consiste no culto ridiculo que prestam a alguns objectos, pedras, arvores, etc., que cada um escolhe a seu talante para especial veneração.

#### JORNADA NAS PROVINCIAS DA SUECIA.

O SR. X. Marmier, dotado das raras qualidades de observador intelligente, visitou e examinou n'estes ultimos annos as regiões do norte da Europa, e consignou o resultado das suas investigações n'alguns volumes, que tem recebido do publico litterario o acolhimento distincto que merecem. De uma das suas ultimas obras tiramos o seguinte extracto. —

Aos 19 de maio entravamos n'uma carruagem com o conde de Guldenstope, que S. M. o rei da Suecia se dignou nomear para acompanhar a nossa expedição, e servir-nos de guia nas provincias do reino. A hora da nossa partida ajunctaram-se o ministro austriaco e outros muitos amigos para assistirem á despedida. É assás agradável aos que partimos para longa e arriscada viagem receber n'essa occasião as demonstrações da afeição das pessoas que estimamos: é uma sanctão solemne do tracto passado, e uma promessa para o futuro. Porém se o tempo que passou lembra pelas delicias que se gosaram, amedronta-nos o futuro coberto de véu impenetravel: quem sabe se tornaremos a vêr aquelles a quem tão cordealmente apertamos a mão, e de quem ouvimos com gratidão protestos de sincero affecto! A vida de viajante é a mais fiel imagem da vida humana. Larga-se a baraca que se levantára n'um sitio escolhido, e quem sabe se lá voltaremos? Diz-se adeus por alguns dias ás pessoas que prezamos, e esse adeus póde ser eterno; caminha-se com impaciencia para um ponto remoto, e este objecto de vivos desejos talvez que não possa alcançar-se. Deus é quem mede e limita os grãos dos nossos esforços: a consolação do homem, n'esta incerteza, é atrever-se nobremente, e perseverar na idéa que concebéra, e que pretende pôr em practica.

Saindo de Stockolmo, passamos pelo edificio da Academia, e o nosso derradeiro adeus foi encaminhado á residencia do Sr. Berzelio, sabio que, por sublime phrase e affavel recepção, captiva a um tempo a alma e o coração, deixando na reminiscencia de quem o tracta inextinguivel lembrança.

Ainda bem não tinhamos saído d'aquella espaçosa e bonita rua da Rainha que vae dar á porta do norte, contristou-nos a vista do paiz glacial, onde a natureza parecia suffocada. Não era o aspecto grave do inverno envolto na capa de neve que brilha aos raios do sol, dos lagos tapados de caramello, das mattas de abetos parecidos a pyramides de crystal; menos era a primavera amavel que nos climas do norte remoga e aviventa por alguns dias os prados, aguas e selvas, e que dos poetas scandinavos é bem recebida, e festejada em suas strophes entusiasticas. Por toda a parte não viamos mais que a terra nua e secca; na-

da de ramagem, nem flôres; a raras espaços divisavam-se algumas casas de madeira, onde o pisco, amansado pela fome, vem procurar avido algum bago de trigo, caído das mãos do casaleiro. Estas vivendas campestres quasi todas são pelo mesmo molde. constam de um corpo quadrado, feito de barrotes assentes uns em cima dos outros, calafetados com barro e musgo, firmes nos quatro angulos por via d'entalhos, onde encaixam fortemente uma peça na outra: de ordinario pintadas de encarnado em todas as faces, e cobertas de tecto de madeira, no qual espalham uma camada de terra que, no verão se alcatifa de verdura e flôres. A' direita e á esquerda ha outros dois corpos, de construcção egualmente simples, que servem de celeiro e de estrebaria; em frente tem um grande pateo; e tudo é fechado com cerca de parede ou de cancellas de pinho. Eis-aqui o que chamam *gard*, antiga palavra islandeza, que significa literalmente *morada*, e nas sagas (cantigas velhas) se acha muitas vezes applicada a cidades populosas.

Estas casas, em certos districtos, situadas a muitas leguas de distancia umas das outras, comprehendem officinas completas de construcção de carros, de moveis, utensilios e ferragens, porque é mister que se suppram a si mesmas durante grande parte do anno; muitas ha onde se acharão em actividade todos os officios fabris das nossas aldeias. A necessidade cria a industria; e o camponez do norte aprende, na sua solidão, a ser tudo quanto lhe é preciso para satisfazer ao seu arranjo e da sua familia; é, por isso, çapateiro, alfaiate, colxoeiro, e até architecto: nenhum camponez do sul da Europa é comparavel a este, recolhido na sua propriedade, que ahí vive só por muitos dias e mezes, cultivando as terras e tractando do gado. Apenas algumas vezes aos domingos vae com a familia á igreja, e lá topa com amigos velhos e parentes com quem passa o dia. Outras vezes vae á cidade que lhe fica mais proxima para feirar no mercado. De inverno é que elle emprehende communmente as suas excursões, porque então não o obriga, como de verão, o trabalho agrario; corre velozmente, em seu leve *trénó*, pelos rios e lagos cobertos de gelo, e pelas planicies recamadas de neve. É muito para vêr-se uma d'estas habitações rusticas quando chega a solemnidade do Natal, a maior festa da Suecia. Então, parentes e amigos costumam reunir-se, qualquer que seja a distancia que os separa. Muitos dias de antemão a dona da casa tem preparado a cerveja, especialmente destinada para essa occasião, e amassado os bolos de cevada e de trigo; tem mais que mostrar a sua habilidade no tempero dos leitões que, por uso tradicional devem vir á meza n'esse dia. Limpa-se a casa com todo o desvelo, e os trastes apparecem no apuro do aceio: enfeitase tudo com ramos verdes e flôres artificiaes. Chega o dia da reunião, desde o alvor está aberta a cancella do *gard*: a festa é completa.

A vida solitaria, a necessidade de praticar a um tempo muitos officios para satisfazer as precisões domesticas, prestam a estes camponezes um caracter distincto de altivez e independencia: muito civis para com o estrangeiro attencioso, encrespam-se promptamente contra quem os menospreza. Não ha muitos annos que um inglez, indo de Malmo para Stockolmo, injuriou um camponez que lhe servia de postilhão, e o ameaçou de pancadas; este saccou tranquilamente da algibeira uma correia, agarrou vigorosamente ambas as mãos do turbulento viajante, amarrou-lh'as com segurança sobre o peito, e depois, sem dizer palavra, voltou a tomar o seu assento, e seguiu a jornada. Chegado á primeira estação da posta contou o que se tinha passado, e o inglez continuou so-

ligado como um animal bravo. A cada muda o postilhão tirava escurpulosamente da mala a importancia do aluguel da jornada que acabava de fazer, pedia outros cavallos, e assim andaram até Gothenburgo, onde o inglez quiz fazer alto, muito enjoado d'este modo de peregrinar, e provavelmente bem emendado. Eu mesmo experimentei algumas vezes quanto era imprudente irritar o amor proprio dos camponezes suecos. Certo dia, achava-me a algumas milhas de Gelfe, mui desejoso de chegar cedo a esta cidade, onde esperava achar cartas de Franca. O postilhão não se appressava á medida da minha impaciencia, eu quiz fustigar os cavallos: ao cabo de algumas palavras asperas de parte a parte, elle apeou-se, poz-se em acção de tirar as bestas, e deixar-me só com a minha calega no meio da estrada. Foi-me preciso accommodar-me, e esperar para ver a bonita cidade de Gelfe á hora que o meu conductor lá me quizesse levar.

Não se viaja na Suecia como em Franca e Alemanha. Não ha mais que duas diligencias, uma que vai em sete dias de Helsingfors a Stockolmo, outra que faz tres vezes por semana a jornada da capital a Upsal. Fóra d'estas duas estradas privilegiadas, é mister cada um ter a sua carruagem, ou alugar de posta em posta o *bondhärva*, calega pequena, descoberta e nada commoda. A distancias de cinco a seis leguas, e á beira do caminho, ha uma casa feita de vigas, como já disse, que serve junctamente de estação e de estalagem: o dono é obrigado a ter promptos na estrebaria tres ou quatro cavallos disponiveis, mais ou menos conforme a importancia do lugar, e além d'estes um certo numero de reserva, que pelos habitantes do municipio lhe são fornecidos, se assim é preciso, por escala. Se os cavallos do homem da posta já estão a caminho, quando se chega ao lugar da muda, é necessario expedir um rapaz á procura dos cavallos de reserva, que ás vezes pastam a duas ou tres leguas d'alli: imagine-se que paciencia é preciso ter com tal systema, por pouca pressa que haja de chegar ao termo da jornada. Ha, é verdade, um meio de abbreviar estas demoras; isto é, mandar adiante um mensageiro, que encomende os cavallos para hora certa; mas note-se que os cavallos não esperam na estação mais de duas horas além d'aquella que se fixou; depois d'este prazo o homem da posta pôde manda-los outra vez para o campo, e o viajante, que teve no seu transitio alguma demora inesperada, ha de pagar o recado, e uma indemnisação pelas duas horas que os cavallos allí estiveram parados, e, em cima de tudo isto, ha de esperar que torcem a ir buscar-lhe os mesmos cavallos. Porém a taxa da posta é tão modica, que em verdade não se pôde exigir por tal preço serviço mais activo, e ao mensageiro dá-se uma bagatella; é um rapaz ou ás vezes uma rapariga, que parte com toda a gravidade levando uma fatia de pão n'algibeira, para caminhar as suas oito ou dez leguas, quer á chuva, quer á neve, de dia ou de noite; e que, se na estação lhe retribuem com meia duzia de soldos, se inclina até o chão, e agradece do intimo d'alma. Bem se vê que o serviço das postas não é, como em Franca, rendoso e invejavel; é uma especie de contribuição de que nenhum camponez pôde isentar-se, e facil será comprehender que não se pôde muita pressa e zelo em practica-lo. — Não devo passar em silencio que na Suecia os camponezes tomam parte directa na legislação do estado; ha rustico, que se vos appresenta com sua calga de brim grosso e crú, e vestia azul, conduzindo os cavallos que vos hão de transportar até a outra estação visinha, que pôde muito bem ser um honrado membro da dieta, um representante da

classe dos camponezes, eleito unanimemente por muitos concelhos; e que algumas vezes com seus discursos, dictados pelo conhecimento practico das cousas, e pela recta razão natural, vence as mais elegantes fallas dos deputados pela nobreza e pelo clero.

O povo sueco, com o orgulho hereditario, conservou tambem as virtudes de seus antepassados: é valente e leal, cumpridor da sua palavra, hospitaleiro, e de austera probidade. Vivi mais de dois annos na Suecia; atravessei, só com o postilhão, florestas de duzentas leguas, passei noites em casas remotissimas de povoado, e nunca fui victima da menor falsidade. Que differença da Russia, onde mal entrava n'uma hospedaria, o dono da casa vinha logo recomendar-me que fechasse armario e commoda com volta dobrada, e que não saísse do quarto sem deixar cadeado na fechadura, declarando que, mesmo com todas estas precauções, não estava inteiramente seguro de não ser roubado!

Outra caracteristica do povo sueco é o sentimento poetico, innato, e que se revela a todo o momento nas suas festas e ajuntamentos, e até ás vezes nas practicas quotidianas. Não ha uma só familia em Suecia que não conserve, como preciosa herança, cantos populares, tradições mysteriosas, que patenteam imaginação pura, e uma certa adoração das bellezas, harmonias, e phenomenos da natureza. É a tradição dos genios que, á noite ao luar dançam nas campinas, dos que cantam á fiór d'agua, dos que fazem vibrar as chords melodiosas de suas harpas argenteas nas cataractas e fontes; de uns que deitam sorte funesta sobre homens e animaes, ou de outros que folgam de estar junctos aos lares caseiros, e protegem a casa onde buscam abrigo na estação invernos.

Todos os camponezes da Suecia sabem pelo menos ler, e quasi todos escrever: o ministro não admittiria ao sacramento da chrisma os que não podessem dar prova d'estes conhecimentos elementares; é uma razão imperiosa a que todos se sujeitam. Nas habitações solitarias, onde não pôde haver professor com escola, os pais são os mestres dos filhos; e o pastor, de tempo a tempo vem certificar-se se elles cumprem o seu dever, auxilia-los com exhortações e conselhos, e averiguar os progressos dos discipulos. Não creio que haja casa de lavrador, por mais pobre que seja, onde se não achem alguns livros, ao menos uma Biblia, o psalterio, e ás vezes obras d' historia, principalmente a do paiz, tão heroica e bella, e que é relida nos longos serões de cada inverno. É facil de conceber a influencia que semelhantes leituras devem ter no animo de um povo intelligente por natureza: a Biblia lhe dá elevação d'espírito; e as chronicas nacionaes mantêm o nobre sentimento de patriotismo. *Quantos homens ha em Franca, que nem sequer pelo nome conhecem os homens mais illustres, os feitos mais gloriosos de nossos annaes, ao passo que na Suecia talvez não haja um rustico que ignore a vida grandiosa de Gustavo Vasa, as empresas de Gustavo Adolpho, e a coragem aventureira de Carlos 12.º* Ainda mais: — não é raro encontrar nos campos trabalhadores que, ouvindo pronunciar o nome do vencedor de Narva, tiram o barrete por impulso instinctivo; tão fundas raizes tem em seu coração o respeito á gloria militar, que foi a primeira gloria da sua nação. —

#### ANTIGOS OFFICIAES MILITARES.

##### O Adail.

DESDE o principio da monarchia se encontra frequentemente citado, como importante nos exercitos:

o cargo de adail. Chamavam-lhe *zaga*, e ainda em 1700 davam os venezianos este nome ao mestre de ceremonias que precede a todos. O foral de Thomar, de 1662, fallando das correrias da fronteira, diz: «Da presa de fossado não se dê ao zaga mais que duas partes, ficando aos moradores do concelho as outras duas.»

O officio do adail era na realidade delicado e espinhoso. D. Affonso o Sabio, na lei das Sete Partidas, descreve com miudeza as suas obrigações, e insiste nas qualidades que os deviam recomendar. Era o zaga ou adail quem governava os almogavares e os almogavares. Quando pela calada da noite as cavalgadas se terciaem pelas quebradas da montanha para amanhecer sobre a corôa eminento do castello roqueiro, um homem havia, em cujas mãos se pesava a sorte commum. Lá ia na testa dos almogavares, que ora corriam á direita, ora exploravam á esquerda, batendo as encostas e balseiras. Se elle se enganasse, se trocasse os caminhos, um golpe d'inimigos podia responder á surpresa pela surpresa. Se fosse mal informado dos movimentos dos arabes, em quanto silenciosos se mettiam pela fronteira moura, podiam ouvir de longe e pelas costas o grito d'Allah! misturar-se com os gemidos dos filhos e das esposas, e ver o fogo do incendio ateado nas casas e herdades d'onde tinham partido. E que diante do adail christão estava sempre o adail dos arabes, velando nas trevas. Na lealdade dos adais repousava a segurança dos fortes — se o coração lhe desmaiava, ou a vista tremia diante do perigo; se a setta, voando do pinhal, lhe varasse o peito, quem diria: — «aquella estrada leva á ruina: n'esta está a salvação?»

De origem sarracena, como o indica o proprio nome, o adail, nas guerras de recontros e emboscadas, de surpresas e correrias, continuadas quasi sem tregua da fronteira moura para o concelho christão, era, por assim dizer, o homem do destino. Em quanto tudo dormia ve-lo-hieis, disfarçado no albornoz mourisco, montado no ligeiro andaluz com sella e estribos á africana, só, mudo, e firme, atravessar as veigas onde susurra a aragem nocturna, e correr, e correr, aqui transpondo a ribeira que se arremessa do alto, alli, furtando-se nas trevas ao encontro dos almogavares arabes, cujo galope sôa na solidão; mais longe, sustendo a recua e reprimindo o respirar junto do tronco do roble, em quanto a relida do mouro segue lenta e pausada. Ve-lo-hieis soffrendo a tormenta guiando-se pelo clarão dos relâmpagos, padecendo o frio e a fome, estudar atalhos, medir veredas, combinar a marcha occulta por gargantas de serros bravios, por cima das agulhas dos mais temerosos despeñadeiros. E dias depois, á mesma hora, com o mesmo recato, voltar ao castello de Coimbra ou de Thomar, e dizer ao alcaide: — «O mouro dorme sem receio: quereis acorda-lo? O caminho é perigoso mas breve; amanhã, se Deus nos ajudar, Leiria será d'elrei, e a cruz de Christo vencerá mais uma vez as luas do propheta.» — E vencia quasi sempre!

Eis aqui o que era o adail. Um instante de descuido — um relancear da vista menos penetrante — uma traigão facil — e os cavalleiros esforcados, quasi nos braços da victoria, caíam sem remedio diante da lança do sarraceno.

Com o nome de adail apparece já este officio no tempo de D. João I, e durou até ao de D. João III. As chronicas da guerra d'África, o mais bello e cavalleiroso episodio da nossa história, em muitos lugares encarecem a importancia do cargo, e pintam o character de alguns que o exerceram.

Vejamos agora de que maneira nos exercitos se fazia um adail. A noticia das ceremonias é tirada de um livro do seculo XIII, e acha-se tambem quasi pe-

lo mesmo theor na segunda Partida de Affonso o Sabio.

Era costume antigo ser o adail levantado pelo monarcha, ou pelo rico homem que d'elle tinha *tenencia* da terra. Chamavam-se doze adais dos mais experimentados, e tomava-se-lhes juramento por Deus, pelo rei, e pelas cruces da espada, de só dizerem a verdade em consciencia. Se não houvesse numero sufficiente de adais, convidavam-se tantos soldados velhos e sabedores, quantos fossem necessarios para completar a numero dos doze.

E então em presenca de todos era perguntado o pretendente sobre os quatro pontos seguintes: «Conheces a terra, os atalhos, as veredas, para guiar as correrias, e as defenderes dos assaltos e surpresas. Por tal sitio, se te mandarem, aonde corre a fonte? aonde se corta a lenha para a fogueira do arraial? Em que logares porias as atalaias do campo? aonde farias o assento d'elle? por onde enviaras os escudeiros e almogavares?»

«Como proverias ao sustento do cavalleiros e peões? Que vianda podem levar, e para quantos dias?»

«Es esforcado de coração? Irás de noite ver o atalho, espreitar no meio do mouro que dorme, cruzar por entre os atalaias e almogavares que escutam? Se te pozerem a lança no gorgel trahirás o segredo de uma entrada? Se te encerrarem n'uma masmorra sem luz, com agua pelos peitos, venderás a segurança de teus irmãos? Se te atarem ao pescogo o nó da corça, bradarás mercê descobrindo a cidade?»

«És leal? por peita de ouro, ou de cavallo, de vacca, ou de mulher entregarás o castello ao infiel, a escapada ao cavalleiro, e a cavalgada ao alcaide de Mafoma?»

Depois de ouvida a resposta, se o testemunho dos antigos lhe era favoravel, juravam sobre sua alma «seja este feito adail», e honravam-no do modo seguinte. O que o devia levantar dava-lhe vestido, espada, cavallo, e armas de fuste e de ferro ao uso da terra. Um rico homem cingia-lhe a adaga, mas sem a pescocada de prancha, que só compelia aos cavalleiros. Depois de cingida a espada punha-se no chão um escudo chato, com as costas para fora, e alli se collocava de pé o novo adail. O rei ou o senhor que o investia no cargo desembainhava-lhe a espada, e dava-lhe a nua pela ponta, para elle a ter direita como estoque. Os doze, que juraram por elle, erguiam-n'o então no escudo á maior altura dos braços, primeiro voltado ao oriente, e elle com a espada fazia uma cruz no ar, dizendo: «Em nome de Deus, d'elrei, e desta terra desahio a todos os inimigos da terra. Depois lam-n'o voltando ás outras tres partes do mundo, e elle sempre repetindo o mesmo. Apenas desce do escudo embainhava a espada, e o rei ou o rico homem punha-lhe na mão um signal, dizendo: «Em nome do rei concedo-te de hoje em diante o officio de adail; poderas ter cavallo e armas, assentar-te mesa dos cavalleiros; e quem te offender será castigado por honra d'elrei, como se tivesses sido um cavalleiro!» Depois de feito adail, e honrado assim podia governar os homens do concelho, e os cavalleiros, dando vozes de commando, e punir de vez as os almogavares e peões, seguindo merceassem, e de fórma que os não tolhesse de algum membro.

Em subsequentes artigos se descreverão outras ceremonias militares da meia idade, proprias para conhecerem os costumes dos seculos antigos.

O SEGREDO é a alma das grandes empresas. Um antigo escrevia na cinza a minuta dos seus projectos, soprava, e desaparecia o menor vestigio.

DA SORTE DOS MENINOS NAS MINAS  
DE INGLATERRA.

(Continuado de pag. 39.)

A regular altura das camadas de carvão em muitos logares, e por conseguinte a pouca elevação das galerias, é causa d'este abuso. Uma commissão de inquerito verificou que em muitas minas teem as galerias dois e meio até tres palmos e meio d'altura, e que em certos logares não passam de dois palmos. No Derbyshire, em que a maior parte das camadas não excedem a dez palmos de espessura, teem-se empregado rapazes em todos os trabalhos da lavra das minas: os mais velhos extrahem o carvão deitados de costas, nas posturas mais penosas. Outro tanto acontece em Halifax, onde as camadas não teem em muitos logares mais do que dois palmos e meio (termo medio), e n'outras ainda menos de dois palmos. Na parte oriental da Escocia começam os meninos a extrahir o carvão aos doze annos de idade, e no principado de Galles aos sete. De mais a mais, n'algumas d'estas minas é muito imperfeita a ventilação, e olha-se tão pouco para o esgotamento, que os mineiros trabalham todo o dia com os pés no lodo e até dentro d'agua. Acrescenta-se a isto, que nos logares mais doentios é que empregam meninos de mais tenros annos, preferindo as rapariguinhas.

A maior parte dos mineiros de ambos os sexos empregados nas minas de carvão pertencem a familias dos proprios mineiros, ou a gente pobre que mora nas vizinhanças. Estes, com o fructo do seu trabalho, ajudam a viver seus paes, e sempre d'ahi lhes resulta proveito; mas ha districtos em que certo numero d'estas desgraçadas creaturas consomem, sem lucro algum, a flôr da mocidade na mais dura escravidão. Tal é a sorte de muitos orphãos de que as parochias, a cujo cargo os poz a indigencia, se livram entregando-os para aprendizes aos mestres mineiros, que, como nos trabalhos das minas não ha que aprender, lhes vão ficando com as ferias até elles chegarem á idade de vinte e um annos, occorrendo apenas ás modicas despezas de vestuario e sustento. Fôra difficil imaginar o que õs malaventurados padecem. Um d'estes aprendizes narrava nos seguintes termos a historia da sua negra vida ao commissario que o inquiria: « Não sei a idade que tenho; morreram-me pae e mãe, ha quanto tempo não posso dizel-o. O meu mestre tinha-se obrigado a dar-me de comer e de vestir; dava-me uns farrapos comprados aos trapeiros, e a comida não chegava para matar-me a fome. Larguei-o porque me maltratava; bateu-me duas vezes com uma picareta. » (Ao ouvir isto, diz o commissario, mandei despir o rapaz, e lhe vi no peito uma larga cicatriz de ferida feita com instrumento cortante; tinha tambem pelo corpo todo mais de vinte feridas, que recebêra a empurrar os carros pelas galerias baixas.) « O meu mestre espancava-me tantas vezes, e dava-me tão máu tractamento, que resolvi deixal-o, a vêr se melhorava de condição. Muito tempo dormi dentro de poços abandonados, ou nas cabanas que estão á beira dos poços explorados, sem comer mais do que os cotos das vellas de cego que os operarios por alli deixavam. »

O seguinte facto, escolhido d'entre outros muitos, pinta me bem a brutalidade e fereza dos mineiros. « Levaram um rapaz ao doutor Milner, medico em Rochdale, no Lancashire. Examinando-o, achou-lhe no corpo vinte e seis feridas; o lombo e a parte posterior do corpo era uma chaga, na cabeça, despovoada de cabellos, viam-se-lhe os signaes de muitas feridas graves. Tinha um braço partido por baixo do co-

tovello, havia muito tempo, segundo parecia. Quando este desgraçado pequeno foi á presença dos magistrados não podia tér-se em pé nem estar sentado; não houve remedio senão deital-o no chão sobre uma especie de berço. Provou-se na devassa que lhe tinham quebrado o braço com uma barra de ferro, e que nunca lh'o encanaram, antes por espaço de muitas semanas o forçaram a trabalhar com o braço partido. Provou-se mais, por confissão do mestre, que este costumava dar-lhe com um pedaço de páu, que tinha na ponta um prego de muitas pollegadas de comprimento. O rapaz passava fome, como attestava a sua extrema magreza; o mestre empregava-o em puxar carros, e, depois de o inutilisar para o trabalho, mandou-o de presente á mãe, que era uma pobre viuva. »

A condição das mulheres e raparigas ainda é mais deploravel. As rapariguinhas são empregadas nos mesmos trabalhos que os rapazes: assim como elles, empurram ou puxam carros; mas sujeitam-n'as, e ás mulheres tambem, a tarefas que os operarios do outro sexo em nenhuma idade accitam. Em muitas minas da Escocia, que não teem máchinas para trazer o carvão á superficie da terra, as mulheres e meninas o carregam ás costas em cestos por toscas escadarias ou escadas de mão. Andam tão nuas, que não se atreviam a vir á presença dos commissarios encarregados pelo governo do inquerito. A decrepidez alcança toda esta gente com espantosa velocidade. O mineiro aos quarenta ou cincoenta annos está incapaz de trabalhar, parecendo tão quebrado de forças que nem um velho de oitenta annos. Os homens de setenta annos que se contam entre os operarios das minas são menos de metade dos que pertencem á classe dos lavradores; e nos seus costumes parece que a dureza dos trabalhos imprime um caracter rude e brutal, que chega muitas vezes a ser feroz.

Os effeitos do trabalho excessivo e prematuro dos meninos, em classe alguma são mais nocivos ao physico e ao moral do que na que vive da lavra das minas de carvão de pedra. Os factos estavam patentes, e a Inglaterra não podia demorar a repressão dos abusos e crueldades apontadas nos relatorios dos commissarios, e por isso uma lei votada em 1842 prohibiu o trabalho das mulheres nas minas; determinou que os meninos d'alli em diante entrassem para ellas aos dez annos, e saíssem aos quinze, não podendo trabalhar mais do que tres dias por semana; e sujeitou as explorações subterraneas em todo o reino-unido á vigilancia dos inspectores das manufacturas, criados por uma lei de 1833.

## BUCHAS DE ESPINGARDA ININFLAMMAVEIS.

AS DESGRAÇAS que acontecem muitas vezes por cair uma bucha sobre materias combustiveis, fizeram com que Mr. Lassaigne applicasse o phosphato de ammonia á fabricação de buchas ininflammas. O methodo pelo qual transforma o papel de que se fazem as buchas em papel ininflammas, e simples: consiste em dissolver uma parte de phosphato de ammonia crystallizado em dez partes d'agua do rio, e em conservar mergulhado o papel n'este liquido tres ou quatro minutos. Tira-se depois, aperta-se nas mãos, e faz-se seccar ao sol, ou em estufa. O papel, n'esta operação, ganha mais uma vigesima parte do seu peso, porque absorve certa quantidade de phosphato de cal, que o não deixa arder. Das experiencias feitas com estas buchas n'uma espingarda de caça resulta, que ellas, ao saírem da arma, caem no chão sem se incendiarem.